

O que é nostalgia?

Quem nunca sentiu aquela saudade de um momento que viveu? Uma vontade de voltar no tempo e reviver uma boa época? Olhou para um objeto, sentiu um cheiro, ouviu um som e relembrou um passado cheio de saudade?

THAÍSA MADEIRA E NICOLE LACERDA

Dois amigos descem as escadas no final da aula. “Uma nostalgia?”, indaga o estudante de camisa vermelha. “Ler depoimentos no Orkut e se perguntar para onde foi todo aquele carinho, aquela saudade e, principalmente, aquelas pessoas”, responde o amigo de amarelo, pensativo. E o sentimento ficou no ar, contagiando até quem estava ao lado. “O que seria nostalgia, afinal?”, volta a perguntar o amigo de blusa vermelha. “Vejo como todas aquelas coisas que queremos de volta e com o passar do tempo ficam cada

vez mais inalcançáveis”, afirma o de amarelo.

Para especialistas, nostalgia é um termo que descreve uma sensação de saudade idealizada, e, às vezes, irreal, por momentos vividos no passado associada com um desejo sentimental de regresso, impulsionado por lembranças de momentos felizes e de antigas relações sociais. Mas não confunda com saudade, elas são diferentes. Saudade é direcionada a um alvo ou momento específico e até pode ser superada pela presença ou repetição. Já a nostalgia, não. Ela não pode ser superada no campo físico porque diz respeito somente a uma visão idealizada de passado que cada um possui. A



Jacqueline de Oliveira e o primo Pedro de Oliveira. A jovem sente saudade dos aniversários do primo no sítio, em que a casa ficava cheia de crianças

Jacqueline lembra da felicidade ingênua, que não exige muito para existir





psicóloga Fabiane Ciraudo afirma que a saudade, a nostalgia ou a melancolia são espécies de modalidades:

– Estes sentimentos são modulações da nossa relação com os seres de memória e a sensibilidade com o tempo. A saudade é um sentimento da própria singularidade e por ser uma singularidade transcendente é sentida como singularização do ser – explica.

Aos 20 anos, Jaqueline de Oliveira, estudante de direito, sente saudades da infância, dos aniversários que deixavam a casa cheia de crianças. Do pi-

que polícia e ladrão, das descidas na ladeira com carrinhos de rolimã e de andar na mala do carro com a porta aberta e as pernas para fora. A jovem lembra que nada era tão bom quanto aquela felicidade ingênua, que não exige muito para existir.

– Sinto falta da inocência, de achar que a vida é para sempre, de não ver problema em nada, e de superar obstáculos sem sequer sentir que estão presentes. Eu sempre me pergunto de onde vem este sentimento que me faz querer voltar ao passado – observa a estudante.

Etimologicamente, a palavra nostalgia é forma-



A estudante Rafaella sente falta da época que não viveu, de quando a juventude fazia valer suas vontades

da pelos termos gregos nostós, que significa regresso a casa, e álgos, que significa dor. Esse sentimento de tristeza é causado em um indivíduo pela distância em relação a um lugar, pessoas ou coisas. Esse afastamento em relação a elementos queridos provoca abatimento e uma vontade extrema de voltar aos momentos e lugares ou de estar com algumas pessoas.

– Eu, por exemplo, quando sinto cheiro de pão na chapa, tenho uma lembrança nostálgica da minha infância e sinto vontade de voltar no tempo – relembra Jaqueline.

Nostalgias de décadas

Na cultura de massa, a nostalgia é separada por décadas, como “nostalgia 70”, “nostalgia 80” ou “nostalgia 90”, representando o conjunto de produtos culturais de uma época, como filmes, brinquedos, músicas etc., geralmente destinados a crianças e adolescentes. Esta nostalgia começa, naturalmente, assim que a década termina, e se manifesta em atitudes como guardar e colecionar objetos antigos, ou apenas se interessar por discussões e leituras sobre o tema. Esse fenômeno ocorre porque, diante do mundo adulto, é comum recordar a infância como forma de escapismo. Além

das lembranças individuais, há também a dos produtos culturais da época, criando uma identidade nostálgica entre pessoas de mesma idade. Para a estudante de comunicação social, Rafaella Rambaldi talvez a nostalgia venha de um futuro sem perspectivas:

– Eu e meus amigos temos 21 anos, no geral, e sentimos falta de um ideal para lutarmos. Sentimos falta da época que não vivemos, de quando a juventude era alguém e fazia valer as suas vontades.

Por conta de pensamentos como o de Rafaella, alguns teóricos da área da psicossomática afirmam que o termo “nostalgia” significa sentir falta de uma ação que poderia ter sido realizada e que, por um motivo qualquer, não se realizou.

– Sinto muita falta do que vivi e isso não é clichê. No meu celular, as faixas de música pulam de uma década para outra. Escuto clássicos do rock da década de 1970, blues dos anos 1930, grupos eletrônicos do fim do século XX e sucessos populares década de 1960. Confesso que às vezes nem sei de que época é cada som. Jogo tudo lá e ouço misturado – diz a estudante de 21 anos.

Se paramos para pensar, realmente é nítido o crescimento entre os jovens que cultuam as músi-



cas, os filmes, as roupas e os objetos de *design* do passado. A onda retrô é uma marca da geração que mistura, com prazer, gostos de várias épocas. Eles cresceram no espaço cultural da internet, onde aquilo que é antigo tem o mesmo espaço e valor que o novo, onde o mais velho e o mais recente convivem lado a lado, ao alcance instantâneo de um toque de tela ou de teclado. Nos últimos anos, a internet se tornou o centro de um fenômeno que domina a cena cultural: a prática de reciclar e celebrar o passado.

– Porém, não se trata da velha nostalgia que faz seu avô se emocionar ouvindo discos ou vendo, pela 20ª vez, as cenas românticas de sucessos nos anos 1960. O apego ao que se viu, ouviu ou viveu no passado é algo que nós todos sentimos e que se confunde com a saudade da própria juventude e de si mesmo. O que está em curso com a onda retrô, por exemplo, é diferente – afirma a psicóloga Fabiane Ciraudo.

Em pleno século XXI, pratica-se abertamente a veneração pela música, pela moda e pelo comportamento de outras gerações. A garota que se veste

como *hippie*, por exemplo, não viveu o movimento *hippie*. O rapaz que anda de Opala ouvindo Elvis Presley não viveu os anos 1970. A garotada, principalmente, se associa a um passado que não pertence a eles, e o fazem de uma forma cada vez mais natural, às vezes imperceptível.

– Não se trata de vestir uma fantasia para dançar rock dos anos 1950 em um clube em que todos fazem o mesmo. O que se faz agora é mais universal e mais sutil – completa Fabiane.

Talvez não estejam preocupados em curtir música das gerações anteriores. Apenas o fazem. Rafaella, embora se identifique com o ideário do movimento pacifista, não faz parte de um clube em que todos se vestem como nos anos 1960. Muitos jovens estão imersos em produtos e ideias do passado e nem percebem. A “retromania”, também chamada por outros pensadores de “cultura do *revival*”, está no dia a dia de todos, num movimento alimentado tanto por produtores como por consumidores.

– O passado é algo bacana e exótico para a maioria das pessoas. A palavra “novo” se tornou ultrapassada – finaliza Rafaella.



»» NOSTALGIA X MELANCOLIA ««

Nos primórdios do mundo, a melancolia era vista como uma doença pelos gregos, hoje em dia, virou depressão. A nostalgia já foi considerada uma condição médica no início da Era Moderna por ser associada à melancolia. Nostalgia seria a saudade de um tempo perdido, originada pela lembrança de um momento vivido no passado ou de pessoas que estão distantes. É um sentimento que tende a aumentar. Melancolia é a saudade de um tempo que não houve, expressa uma tristeza persistente, muitas vezes sem razão aparente. Pode ser considerada como um dos sintomas da psicose maníaco-depressiva, uma síndrome mental que se caracteriza pela sensação de impotência, inutilidade, pensamentos negativos, dificuldade de concentração, falta de apetite, ansiedade, insônia e ideias constantes de morte. É como se o indivíduo não conseguisse se desprender de um passado que não aconteceu. Nostalgia pode ser entendida como uma saudade do que se viveu e melancolia, saudade do que não viveu.

Melancolia, xilogravura de Durer



»» NOSTALGIA e LITERATURA ««

O conto "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro", de Rubem Fonseca, retrata a história de Augusto, pseudônimo de Epifânio, um andarilho que escreve um romance sobre a cidade em que vive. A história mostra como as transformações ocorridas com o decorrer dos anos contribuíram para a pobreza da população e dilaceramento das aspirações pessoais do homem, por isso, o personagem adota uma postura nostálgica, sempre relembrando como eram as ruas, as lojas, as casas, na época em que não havia poluição, barulho de automóveis, que o fluxo de pessoas nas ruas não era tão intenso. O autor usa a metáfora "cidade grande produz muito excremento", para falar de



personagens como bandidos, prostitutas, marginais que são resultado da utopia de se ordenar a metrópole que cresce pela ação do progresso, da mudança, do futuro. Augusto encontra uma cidade espacialmente segregada, sem diálogo e o projeto dele é reconectar as duas partes. Por isso, escolhe o Centro do Rio de Janeiro para dar o pontapé inicial do livro, porque é o local que se consegue uma conexão com o passado, pois há prédios remanescentes. Segundo ele, a palavra centro quer dizer origem, e ao mesmo tempo que o andarilho quer recuperar a memória perdida de uma cidade, quer também recuperar a própria memória, que é uma sucessão de lacunas. Se antes existia uma chapelaria, e hoje colocaram uma lanchonete, isso não importa para Augusto. Se você memorializa aquele local e fixa pelo símbolo da escrita, aquilo que não existe mais ou está desaparecendo, é resgatado pela sua memória. O conto mantém simultaneamente o tom nostálgico e a desilusão pós-utópica, ao alimentar o desejo de tornar legível o espaço urbano.

»» NOSTALGIA no ROMANTISMO ««

Uma das maiores características do Romantismo é a nostalgia e uma verdadeira mís- tica natural. Foi um movimento cultural marcado pela manifestação nostálgica dos românticos na literatura, arquitetura e artes plásticas. Era visto como um estado de tristeza indefinida, tal como a melancolia. O desejo de algo longínquo e inatingível era típico dos românticos. Eles sentiam nostalgia de um mundo desaparecido, ou de cul- turas distantes. Sentiam-se atraídos pela noite, por ruínas antigas e pelo sobrenatural. Preocupavam-se com o que é chamado de lado noturno da vida, obscuro e místico.

Iracema, de José Alencar, mestre do Romantismo brasileiro

